ANNO II

ASSIGNATURAS PAGAS ADIANTADAS
Trimestre........ 2$000
Semestre........ 4$000
Anno............ 8$000

O PENSADOR.

NUMERO 30

PUBLICA-SE
Tres vezes por mez, nos dias 10, 20 e 30.

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

FUNC — MA. Biblioteca Publica

..Ut jam non simus parvuli fluctuantes, et circumferamur omni vento doctrinæ, in nequitia hominum, in astutia ad circumventionem erroris.
(S. Paulo, adEpistola Cap. V, v. 15. Ephesi.)

Maranhão, 10 de Julho de 1881

Propriedade de uma associação.

O PENSADOR.

MARANHÃO, 10 DE JULHO DE 1881.

Casamento civil.

O casamento é um contracto de direito natural, pelo que deve ser regulado pelo poder temporal; e não precisa, na parte espiritual, do concurso da egreja para ser um sacramento.

II

Antes porem de tratarmos do matrimonio christão, torna-se necessario difinirmos o que seja um sacramento, e especialmente o do matrimonio.

Os theologos difinem um sacramento: *Res subjecta sensibus, quæ ex Dei institutione santitatis et justitiæ tum significandæ tum efficiendæ vim habet.* Donde se vê que um sacramento é uma causa sensivel, instituida por Deos, como signal da sua graça, produzindo um effeito espiritual e dando graça, justiça e santidade em quem o recebe; e cujas condições essenciaes são: 1.º ser um signal sensivel, 2.º produzir a graça e 3.º ser instituido por Deos.

E dos sete sacramentos (os quaes foram instituidos pelos homens em nome de Deos), uns dão mais graça somente, como sejão o chrisma, a extremaunção, a eucharistia e o matrimonio, o baptismo e a ordem imprimem caracter. Dos sacramentos somente o baptismo e a penitencia são necessarios para a salvação (*necessitate medii*), a ordem e o matrimonio são inteiramente livres, dando os outros mais graça somente *necessitate precepti.*)

O sacramento não é valido se não houver *materia, forma e intenção do ministro.*

No sacramento do matrimonio a *materia* é o contracto dos nubentes, isto é, a promessa que mutuamente se fazem de se receberem por marido e mulher; a *forma* são as palavras que se recitão quando se faz o sacramento, dizendo, *eu recebo a vós por minha legitima mulher, e vice versa;* e a *intenção dos ministros* (que são os proprios nubentes) é o desejo de fazerem um contracto que lhes dá graça, justiça e santidade.

Ora, o matrimonio sendo o complemento legal da união dos sexos, cujo fim é a satisfação d'um acto da vida animal para a renovação do ser humano, segue-se que, quando o christão une-se a outra parte do seu ser, por amor a ordem, segundo a legislação que rege este contracto, o matrimonio, dizemos, é justo e santo; pelo que foi levado a dignidade de sacramento, e não é o sacramento que torna o matrimonio santo. Pois a união dos sexos segundo simplesmente as leis naturaes da animalidade é uma simples copula, sem nenhum fim social.

A copula é um acto animal; o matrimonio é um acto social, pelo que é justa a copula autorisada pela sociedade, quer o casamento seja feito perante a egreja (que é uma congregação de fieis), quer perante outra repartição qualquer como as municipalidades, tribunaes judiciarios &, que são congregações de cidadãos para dirigirem a causa publica.

Em razão de tornar publico o contracto mais importante da sociedade é que se estabeleceu o costume de celebral-o em face da egreja, para evitar o abuso dos matrimonios clandestinos; e sempre assim se entendeo, como se vê d'uma decretal de Carlos Magno: *Nec sine benedictione sacerdotis, qui ante in-nuptil erant, nubere audeant.*

Assim como, em Portugal, ainda no tempo de D. Manoel esse era o costume do reino, como se vê da ordenação do Liv. 1.º tit. 95 que diz: «Por muitos inconvenientes que se seguem de os julgadores temporaes casarem com mulheres de sua jurisdicção, durante o tempo de suas judicaturas, e ser o sol-redito muito contra o serviço de Deos e o nosso... mandamos... que não casem *per palavras de presente* sem nossa licença...»

E si a egreja catholica separa o sacramento do contracto, considerando este nullo, se não for celebrado segundo o rito romano, é por que ainda quer aferrar-se a uma pretenção baseada na tabla em que ficou o poder temporal do espiritual depois da queda da civilisação Grego Romana, em razão da longa elaboração de nove seculos, na idade media, que durou a incorporação dos barbaros na nova civilisação, que tem proseguido estes ultimos seculos; pois durante esse tempo a egreja foi o unico poder constituido assaz solido para organisar pelo que apossando-se ella das disposições do direito romano, applicou-as as sociedades christãs, cuja unica occupação, n'esse tempo, era a guerra; não havendo portanto quem legislasse.

Embora os soberanos na idade media, decretassem leis sobre o matrimonio, afim de tornal-o indissoluvel e uno, jamais conseguirão n'a n'uma forma de governo como o feudalismo, em que o poder se achava retalhado por tantos centros, constantemente em luta entre si, e portanto sem um centro de unidade, donde partissem as leis que devião reger o contracto do matrimonio; pelo que a egreja avocou esse direito.

O fim que teve em vista a igreja foi o de tornar publico, por meio de solemnidades, o mais importante contracto da vida, para evitar a desordem nas uniões com palavras de presente que estiverão em uso desde o seculo XII até o Concilio Tridentino no XVI. Pelo amor da paz, tornando o matrimonio indissoluvel, sagrado, a igreja avocou esse direito que realmente produzio infinitos bens á sociedade. O fim é grandioso e o resultado completou a grande obra da reorganisação da familia.

Mas a egreja catholica moderna não é mais o centro do pensar moderno. Como o mahometismo anniquila-se nos harens, a igreja de Pio IX asphixia-se no Vaticano, donde expelle raios impotentes contra o espirito moderno. E em vez da missão de paz, conciliação e amor em que outr'ora se empenhava, ultimamente só vota anathemas contra maçons, unica missão dos papas modernos que, a não se harmonisarem com as tendencias actuaes, em breve a egreja será apenas uma mera recordação historica (*)

O centro da actividade intellectual moderna não é mais a egreja, é a sciencia. Com o direito e pelo direito a sociedade conseguiu conquistar as instituições que nos regem. E como as necessidades administrativas devem receber a direcção do meio que estiver em harmonia com ellas, para que haja equilibrio entre as instituições e as tendencias de um povo, não pode a sociedade moderna receber por mais tempo doutrinas que não satisfazem mais as intelligencias.

Todavia, como ainda existe na sociedade uma parte que encontra na crença catholica paz do espirito e conforto, é justo, que se deixe aos que ainda crêem o pleno exercicio da religião de Christo.

E' prudente deixar aos verdadeiros crentes a satisfação de suas consciencias.

Conscio deste principio foi que o eminente politico o Exm. Sr. conselheiro Saldanha Marinho apresentou ás camaras um projecto de casamento civil, obrigatorio para o cidadão brasileiro, mas deixando livre o direito, para os que quizerem, depois satisfazerem perante a igreja os dictames de suas consciencias.

Fazemos votos para que os representantes da nação não retardem por mais tempo a libertação do cidadão do dominio exclusivo da egreja, que desde o pontificado de Gregorio VII travou renhida luta entre os poderes temporal e espiritual, como se a sociedade podesse desenvolver-se em paz sem a harmonia dos dous poderes; pelo que é hoje um problema facil a resolver: — SEPARAR A EGREJA DO ESTADO, deixando a egreja livre no estado livre.

(*) O Sr. Bispo D. Antonio já disse do pulpito que a imprensa é um vidente de Satan! No entanto, S. Exc. Revm.ª introduzio no seminario Santo Antonio, o typographo da «Civilização,» onde todos dias o Sr. Bispo passa horas a corrigir provas, a compor com as suas sagradas mãos o esse gamento nas penadores. Aqui está, porque S. Exc. Revm.ª anda sempre tão amarello por estar no vehiculo de Satanaz!

Si S. Exc. quizer vivêr em paz connosco mande lançar ás praias a sua «Civilização» com toda a typographia; ordenar ao Dr. Mourão e Padre Fonseca que preguem a religião de Christo e não a do Papa, quem promettemos de viver mui estreitos em companhia de Exc.!

Os nossos triumphos.

Somos a sentinella da lei. Cada ataque que lhe é feito, cada investida que lhe dirigem encontram em nós uma barreira.

Jovens, com o coração dominado por um só sentimento—o bem—, por um só desejo—o cumprimento do dever,—constituimos-nos a guarda avançada das nossas leis. Estamos promptos a defendel-as. Com a nossa arma—a penna—havemos de fazer recuar todos os seus inimigos, todos os seus adversarios.

Somos representantes da sociedade moderna; e portanto—o orgam do direito. Somos jovens; e portanto—amantes da justiça.

Direito e justiça—eis os dous moveis das nossas acções. Eis o que desejamos conquistar.

A victoria será difficil; mas não impossivel.
Torna-se necessaria a luta.
Nós lutaremos.
Lutar é vencer.

.˙.

Um padre violara a lei. Acceitára uma nomeação para cargo vitalicio, quando era militar e ella lh'o vedava. Por largos annos desfructára tranquillamente os proventos dos dous cargos. Exercêra-os cumulativamente.

Apparecemos na imprensa. Denunciamos o facto criminoso. Apresentamos a clara disposição que o condemnava. Exigimos da auctoridade competente providencias que fizessem cessar a flagrante violação da lei. Fallamos sempre. Não nos podiamos calar ante o escandalo.

Mas consta-nos, finalmente que fomos attendidos. Consta-nos que a lei vae ser desafrontada. Referem os jornaes diarios que S. Exc. o distincto sr. presidente da provincia expedira ordem á thesouraria, para que suspendesse, até ulterior deliberação, o pagamento dos pingues ordenados do militar que, violando a lei, acceitára nomeação para um cargo vitalicio,—o capellão Raimundo Alves da Fonseca.

O juizo do publico não se fez esperar. Todos manifestam já sua satisfação pelo acto de justiça do nosso moralisado e criterioso administrador.

A lei triumpha; e nos com ella. Nós somos o seu representante.

Morra o patronato.

Abaixo o escandalo!

.˙.

As pretenções do clericalismo não têm limites. São infinitas como infinita é a serie de crimes, de atrocidades, que a historia—essa grande mestra da vida—apresenta, praticados por essa seita nefanda, inimiga de toda a virtude, assassina da razão humana—o jesuitismo.

Nada satisfaz ao ultramontano. Nada sacia a sua cobiça. O mundo todo, para elle, é um atomo imperceptivel.

Ninguem ignora as vastissimas attribuições infelizmente concedidas aos prelados brasileiros. Todos conhecem que o clero, gyrando na orbita da lei, forma—um estado no estado. E' uma nação com o seu rei—o bispo.

Isto não obstante, os bispos querem todos os dias invadir as attribuições do poder civil. Vemol-os todos os dias praticar actos que competem ao governo do paiz, sem que isso lhes traga a minima carrigenda.

Compete exclusivamente ao governo imperial a concessão de honras de conegos e outras semelhantes. A legislação vigente é clarissima a semelhante respeito. A consulta de 30 de novembro de 1843, que transcrevemos no n. 24 deste jornal, prova-o de um modo claro e positivo.

Apezar, porem, de tudo isso o actual bispo desta diocese, D. Antonio Candido d'Alvarenga, violando a lei, concedeu honras de conego ao padre Raimundo Alves da Fonseca, o militar que, já antes, acceitara a nomeação para um logar vitalicio.

Não deviamos pactuar com mais este escandalo. Não podiamos consentir que mais um facto criminoso se consummasse e o seu auctor ficasse impune. Immediatamente reclamamos contra o acto do bispo diocesano. Denunciamol-o ao paiz; e exigimos das auctoridades publicas providencias que amparassem a lei dos ataques incessantes das autoridades ecclesiasticas.

Decorreram-se mezes. Passou tempo. A repressão ao abuso demorára; mas afinal chegou. Acaba o governo imperial de determinar ao integerrimo e illustre Sr. Dezembargador Antonio Francisco de Salles, Procurador da corôa, que proceda, como de lei, contra o bispo que delinquira.

Foi mais um triumpho para nos, mais uma victoria que alcançamos.

Defendendo a causa da verdade estamos conscios de sempre conseguil-a.

Nada podem, contra o direito, as armas do jesuita.

Ellas hoje não cortam mais.

A ferrugem do tempo comeu-lhes o gume.

.˙.

Vangloriando-se com a transferencia do nosso talentoso amigo, cadete Arthur Jansen Tavares, disse a folha catholica que o go-

verno já lançava os olhos para esta diocese.

Como o orgão clerical tinha razão! Como se realisaram todas as suas prophecias! Como os seus desejos se verificaram! Não pode elle estar mais satisfeito O governo imperial acaba de tomar medidas muitissimo acertadas, com relação a esta provincia.

Nossas emboras á gazeta dos padres.

O governo do paiz attendeu-a

⁂

As nossas vozes são sempre ouvidas As nossas reclamações—attendidas.

Nascido do esforço titanico de alguns jovens, trabalhadores conscienciosos do futuro, o *Pensador*, logo ao nascer, foi saudado pelas auras da sympathia publica. De todos os lados chegavam-nos brados de animação. A população inteira desta capital,—desde o simples artista até o cidadão mais altamente collocado—, declarou-se sympathica á nossa causa. Cada dia que vive o *Pensador* é um dia de gloria para nós. Cada numero que se publica—uma victoria esplendida alcançada, no campo das ideias, pelos defensores da liberdade contra os inimigos do progresso.

Um padre, um tolo, chamára-nos a responsabilidade. Tinhamos de comparecer perante os tribunaes. Tinhamos de combater com a lei os nossos desleaes adversarios. Immediatamente apresentaram-se, para defender-nos, trez illustrações, trez capacidades,—os Drs. Antonio Jansen de Mattos Pereira, Antonio Martiniano Lapemberg e João Henrique Vieira da Silva. O offerecimento gratuito e expontaneo desses illustres cidadãos é a prova mais inconcussa da estima que o publico dedica á santa causa que defendemos.

Fazemos reclamações. Pedimos providencias ás altas autoridades do paiz contra os abusos que os sycophantas praticam nesta provincia. Immediatamente são dadas as providencias que pedimos. Os infractores da lei vão ser punidos. Vae ser desafrontada a dignidade publica ultrajada pelos lacaios do papa.

E ainda o orgão catholico nos chamará *pasquineiros e maltrapilhos da imprensa?!* E ainda continuará, louco de furor, a attribuir-nos os crimes que commette?!

Pasquineiros, nós que triumphamos nos tribunaes? Nós, que vemos as nossas reclamações attendidas pelo supremo governo do paiz?!

Maltrapilhos da imprensa, nós que contamos com a estima publica?! Nós, que temos em cada homem um adepto?! Em cada coração uma sympathia?!

Não, padres de Roma. Nós não somos nem pasquineiros, nem maltrapilhos da imprensa.

Pasquineiros sois vós que polluis diariamente essa filha augusta do progresso—a imprensa!

Maltrapilhos da imprensa sois vós que trazeis na testa o estigma da maldição publica. Sois vós que carregais difficilmente o peso enorme dos odios desse colosso—o povo!

Nós somos os defensores do progresso, os arautos da liberdade.

Nosso fim é trabalhar pelo bem da sociedade e pela vossa morte.

Todos os nossos esforços tendem para esse duplo fim. A humanidade progride. Nós o conseguiremos.

Tremei!

José Bonifacio.

Recebemos os *Discursos Parlamentares* do eminente e assaz conhecido tribuno brasileiro, o Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, vindos á luz da publicidade a esforços empregados pelo distincto e illustrado Dr. João Correa de Moraes.

Louvamos ao Sr. Dr. Correa o grande serviço prestado á patria, tornando conhecidas as grandes peças oratorias do notavel e eloquente orador brasileiro.

O Conselheiro José Bonifacio não se tem feito recommendar ao paiz somente pela sua brilhante e fecunda intelligencia e sim pelo seu caracter firme e inquebrantavel que tem resistido de pé, sobranceiro, á corrupção que tem estragado, mutilisado a quasi todos os nossos homens politicos.

José Bonifacio gosa de um nome immaculado e digno de respeito e veneração.

É um digno successor do patriarcha da independencia.

Comprimentamos e agradecemos ao distincto Sr. Dr. Moraes a honra com que nos distinguiu.

Os detractores.

Ha em todas as sociedades um typo podre-mais perigoso:—é o detractor—Fallar mal da vida alheia é para elle um entretimento agradavel, um passa tempo divertido. Deixará talvez de comer, mas não deixará de dar expansão á maledicencia. Não ha serpente tão venenosa comparavel á isso.

Pôr em movimento, em acção, o veneno desta vibora—a lingua—eis todo o grande trabalho do maldizente. Trabalho de reptil. Sinistra construcção de trevas.

Para o detractor não pode haver sentimento bom, não pode haver honra, dignidade. Nada pode escapar á lama podre dessa entidade maligna. Procura sujar tudo. A limpeza lhe desagrada. Ser limpo, isto é—ter uma consciencia vasia de remorsos, e uma alma cheia de sentimentos nobres, é para elle uma cousa inadmissivel, e mesmo impossivel. Ser bom é ser tolo. O homem de bem é um palerma. Christo foi um toleirão. A sua grande bondade fel-o subir o Calvario. Judas foi o homem honrado O traidor mostrou-se digno. Sobrepujou a grandeza do enorme revolucionario.

O detractor é o homem que vive espreitando. Deseja saber tudo. Tem necessidade de tudo fallar. Se lhe fechardes a porta de vossa casa, será debalde. Elle ahi penetrará. Tem a propriedade de tomar a cada passo diversas formas. A reputação de vossa familia está immaculada. Mas o instincto mau, diabolico, que move todas as acções do maldizente, ordena-lhe imperiosamente que a manche, que a inutilise.

O detractor é um grande patibulo, onde se decapitão á todos os instantes centenares de reputações.

E quem é esse typo que se emprega em mentir, calumniar, infamar, emfim—em fallar da vida alheia?....

Qualquer que seja elle—fallamos em these—é um ente cuja chronica é negra como aquillo que ha de mais negro sobre a terra. Inda creança—mergulhou-se no lodaçal do vicio, e quando surgiu era homem. Vinha gasto. Trazia dentro do peito de barro um coração de lama. Lá—nessa escola onde educou-se—perdeu toda a noção do bem, tudo o que eleva e distingue o homem:—a honra e a dignidade.

Observai bem esse individuo e encontrareis nelle:—um devasso, um corrupto, um tratante, um covarde, um infame—tendo em si todas as más qualidades e nem um só das bons sentimentos.

Quereis saber o que faz esse homem que falla da vida do proximo? Empurrai as portas desta possilga. Não vedes ali no chão, torcendo-se nos braços da miseria, da deshonra, da fome, duas pobres mulheres? Ellas erão duas innocentes orfans. Um dia, sem o saberem, cahirão nas garras d'um sacerdote romano, que lhes roubou o dinheiro e aquillo que vale mais que o ouro—a virgindade—....E elle hoje, de qualquer tribuna sagrada, brada que a sociedade morre por falta de moralidade, como se a morte da sociedade não estivesse nelle mesmo.

Eis ahi o que é um detractor. Continuemos.

Olhai para aquella mulher que passa, pedindo uma esmola pelo amor de Deus, coberta de andrajos, com as faces descarnadas, carregada de filhinhos. Tristes desventurados do mundo!!...Pobres crianças sem pai!!...

Quereis saber quem é o autor disso tudo? E' aquelle santo jesuita, aquelle beato senhor que, quando não está nas egrejas rezando, está fallando mal da vida alheia, atacando a honra das familias.

Os pais dessa mulher de quem fallamos erão pobres, mas honrados. Vivião de trabalho licito. N'um dia o hypocrita, que escondia o libertino, introduzio-se na casa delles. Quando de lá sahio, metteu nas mãos tremulas do velho algumas moedas....Pagava assim a honra que roubara á filha ...

Eis o que é um detractor.

São os homens dessa qualidade que fallão mal da vida alheia, que vêm em nós uma prova de decadencia social, quando o nosso unico crime está em dizer a verdade, embora vá ella ferir á quem quer que seja. Fallão porque somos—crianças—.Sim está nisso a nossa grande vantagem sobre vós, padres romanos—sobre vós, detractores da honra alheia. O ser—criança—quer dizer—não ter a consciencia empedernida pela venalidade e pelos baixos sentimentos. E'ter a alma banhada de luzes, o coração cheio de affectos. Ser criança é ser puro.

Hypocritas, recuai. Inda é cedo. Nós, o rapazio maçonico, não descançaremos um só instante emquanto não tivermos cortado, e cortado cruelmente, com o azorague da verdade, as faces de todos os tratantes, que arruinão a sociedade, quer estejão vestidos de batinas, quer mettidos em casaca.

Ha o jesuita de sotaina e o jesuita de casaca. O primeiro é ministro de Deus O segundo é instrumento do primeiro. Um completa o outro. Ambos são detractores, ambos são perigosos.

Evitemol-os

O pasquim clerical

Continua esse papel immundo, que se forgica em Santo Antonio, outrora habitação pacifica de frades inoffensivos e hoje valhacouto de vadios parasitas, perturbadores da ordem publica e da moral das familias, a cuspir infamias sobre a sociedade maranhense, que deu desde principio a esse *Guedelhas* o valor devido ás mediocridades insolentes e astuciosas. Hontem era a redação d'O PENSADOR a unica victima desses rafeiros de batina, mas hoje são todos.

O mallogro das suas *doces esperanças*, o despreso publico e o azorague poderoso d'O PENSADOR augmentaram-lhes a hydrophobia e ei-los, livres do cynismo, no meio de uma população sensata e laboriosa, exhibindo, de dia, a baba asquerosa da calumnia, que não respeita ninguem, desde o modesto artista até o digno Presidente da provincia; e de noite—o espectaculo immundo de sua incontinencia bestial, acobertada sacrilegamente pela religião, que exploram cynica e impudentemente.

Quem, como nós, tiver por obrigação acompanhado esse papel inqualificavel, nas diversas alterações porque tem passado, desde a linguagem hypocrita do jesuita, com que começou, até o calão baixo e nojento da regateira, em que hoje invectiva as principaes autoridades, sem respeito á moral e ás familias, que por acaso pódem topar com esse papel, hade forçosamente convir nesta conclusão:—os padres de Santo Antonio não escrevem para aqui e sim pra fóra da provincia, onde julgam jamais chegará o desmentido constante que oppomos com energia ás diatribes calumniosas d'esses ungidos do Senhor, falsos pregoeiros d'uma religião de paz e caridade.

Escolhamos indistinctamente uma das calumnias e provemos nossa aserção.

Dizem os tartufos:

«A Relação exhautorou-se A acceitação da «carta testemunhavel é uma monstruosa iniquidade. A defeza dos advogados d'O PENSADOR—um amontoado e absurdos juridicos. Emfim uma farça ridicula, condemnada pelos advogados serios d'esta capital.»

Venham as provas, dissemos nós. Venham os pareceres, porem devidamente reconhecidos, porque vos julgamos capazes de os falsificar.

Pois bem, o silencio foi a unica resposta e até hoje nem um só parecer foi publicado. Os advogados serios desappareceram como por encanto e apenas *Pedro Baptista*, cujo disfarce encobre o especulador audacioso, que acode pelo nome de Totó, vomita de vez em quando, nas paginas immundas d'esse *papel* degradante, umas sandices *juridicas*, abocanhando Magistrados encanecidos na nobre missão de julgadores.

E como se isto ainda não fosse bastante para esmagal-os e reduzil-os ás justas proporções de jesuitas, o seu proprio advogado—o digno e illustrado Dr. Agesilão Pereira da Silva, veio concluir a nossa obra; e em um brilhante artigo publicado no *Paiz*—VERIDICO,—desmentiu-os solemnemente, declarando que acatava a decisão do Superior Tribunal da Relação, onde julgavam juizes, cuja integridade e illustração são inattacaveis.

Veja o publico como se pulverisam as accusações d'esses homens de roupeta, segregados da sociedade a bem da moral de nossas familias.

COLLABORAÇÃO

O PAIZ—orgão especial do commercio e particular do bispo.

No numero anterior deste conceituado periodico provocamos o *orgão do commercio* a vir fazer nova profissão de fé, explicando, perante o publico maranhense, os motivos ponderosos que o forçaram a deffender o bispo, que aliás não mudou de proceder, e a quem o *Orgão* já chamou BOLONIO, só porque tirou-lhe a cadeira do Seminario.

Mas o *Paiz* que attrahio sobre os maranhenses as injurias dos pasquins jesuitas, desta e d'outras provincias, dando uma noticia EQUIVOCA dos tumultos provocados na semana santa em Santo Antonio, pelo proprio bispo; o *Paiz* que não desmentio o infame telegramma passado pelos especuladores de Santo Antonio para desvirtuar a verdade d'esses factos, emprestando a este povo sentimentos só proprios de um *Mourão*; o *Paiz* que não deffendeu o honrado e illustrado Presidente da Provincia, como fizeram todos os jornaes, só porque os miseraveis insultadores de S. Exc. eram os saltimbancos de Santo Antonio! mas o *Paiz*, repetimos, fiel ao seu systema de rolha, não disse uma só palavra em deffesa de sua dignidade seriamente compromettida e para desviar a prevenção publica, que o acompanha como a propria sombra, publicou um importante discurso do Dr. Alexandre Braga contra os jesuitas, julgando assim afastar a tempestade, que tenebrosa o ameaça.

Mas o *Paiz* engana-se redondamente. Nós estamos alerta. E em quanto o *Paiz* não nos vier dizer os motivos que tem para acreditar que o Sr. D. Antonio Candido d'Alvarenga já não é um Bispo BOLONIO; em quanto o *Paiz* não vier perante o publico justificar o seu silencio com relação a factos criminosos praticados segundo se diz pela camarilha negra do Sr. Guedelhas; em quando o *Paiz* não declarar a razão porque tranca as suas columnas aos escriptos contra padres atrabiliarios e trefegos, ao passo que as abre ás infamissimas catilinarias contra a respeitavel classe commercial, de que se diz ORGÃO ESPECIAL, nos seremos forçados a acreditar nos boatos que por ahi correm, dizendo se abertamente que o *Paiz* não censura mais o Bispo, porque pretende aposentar-se na cadeira, de que não ha muito foi expulso pelo seu ex-B BOLONIO.

Gregorio de Girardin.

Um typo...

Sr. Redactor —Ha algumas noutes passadas um typo, que de recommendavel só tem os olhos, que são de boi, metteu as botas, durante algum tempo, na illustrada e patriota redacção do vosso jornal. Estava sentado n'uma roda da rua do Sol e dizia:

—Quem são os redactores do «Pensador»? Uns criançolas, uns estonteados, que não têm onde cahir mortos, sem eira nem beira, que querem a força fazer estylo. Quem são elles?... Uns meninos sem familia, sem REPUTAÇÃO, sem HONRA.—Os padres, sim. Esses tem estylo e levam de vencida o rapazio do GRANDE POLVO. A «Civilisação» é hoje o jornal mais lido e mais bem escripto da capital.

Na occasião em que o typo dizia isso, eu achava-me um tanto occulto n'uma das portas da casa, onde havia a palestra. Fiquei de bocca aberta, mesmo de bocca aberta sem ser Almeida, ao ouvir tão grande rasgo de jesuitismo. Tive desejos de conhecer esse jesuita de frak.

Eis que da roda retira-se o conhecido Totó, celebre por suas velhacarias. Retirei-me d'onde estava e fui encontrar-me com elle, que já subia a rua do Sol.

—Totó, tu que conheces todo o mundo e que sabes da vida alheia de todo o Maranhão, dize-me uma cousa:—quem é aquelle typo que está fallando na botica?

—Ora essa! Você não o conhece?! Aquelle moço é um tal A******, que veio, ha alguns mezes de Pernambuco. Tem um caracter tão baixo como nenhum padre de Santo Antonio o possue. Se elle fosse outro, em vez de se andar occupando com a vida alheia, devia procurar esconder, o o mais possivel, a cabeça dentro d'um sacco. Ah! não me lembrava:—talvez que elle não o possa fazer. Ha certas cousas que se não podem occultar. Os chifres denunciam o boi, as orelhas o burro.

—Mas o que veio elle fazer aqui?

—Tratar de uma questão, toda vergonhosa e humilhante para elle.

—E porque é tão jesuita esse moço, que parece não ter vinte e cinco annos?

—Porque essa mesma questão tem de ser decidida pelo poder ecclesiastico. É preciso desde já agradar os santos tartufos.

Antes de separarmo-nos, o Totó poz-me ao facto de toda a vida desse typo.

—

Sr. A******, tenha dignidade. Procure, se inda é possivel, rehabilitar-se. Deixe de ser jesuita. Isso é feio. Largue esse habito de fallar mal da vida alheia, e principalmente de quem não tem a desdita de conhecel-o. O Sr. é o menos competente para isso. Procure ver se encontra, inda que pelos monturos, aquillo que você perdeu ha muito. Os redactores do «Pensador», eu o creio, não ligam-lhe a minima importancia. Devem até evitar o seu contacto.

Deite peias na sua lingua, senão ver-nos-hemos obrigados a voltar.

Frei Satan.

Esboço.

Tendo eu tincta de *pó de sapateiro*,
Vou depressa pintar um tal *Doutor*...
E, por não ter pincel de mór valor,
Pinto-o mesmo com brocha de pedreiro.

Deu-me um sacco, p'ra téla, o quitandeiro,
Bom sujeito, me fez esse favor,
E, portanto, começo já, leitor,
A mostrar-vos o *bicho* todo inteiro:

«Cara grande, redonda, amulatada,
Bocca enorme e a voz de gaita velha
E nos olhos lascivia desbragada;

Estatura de tôco, bem semêlha
Um *Mourão* de curral e...o, mais nada,»
—O leitor bem conhece o *João Guedelha*.—

Agrício Persio.

VARIEDADE

Mira-o-sol em calsas pardas.

Serião talvez cinco horas da manhã e ainda o Rvd. Mira-o-sol desfructava o derradeiro somno—o somno da madrugada.

Subito estremece a rede, em que jazia o Rvd. Elle sonhava. Um sonho medonho invadira a imaginação do pobre vigario e punha-o em calças pardas!

O Rvd. vira quatro pensadores dos mais afoutos e sanguinarios penetrarem-lhe no ermo dormitorio e sem a menor ceremonia, apossarem-se do seu bonito e delgado pescoço, na simples intenção de... apertal-o!

Que brincadeira!

O padre, que não nutre, se quer, um desejosinho de tão cedo gozar a Eterna Mansão, resolveu gritar:—Aqui d'El Rei! Mas qual!... Um dos militantes tivera a precaução de arrolhar lhe a bocca e o Rvd. fallava em secco!

Finalmente, já o padre não se achava as voltas com os pensadores; chegava a ver o Sr. Moreira, que, a todo o transe, queria tomar-lhe a medida do crpo e promettia fazer-lhe um chic caixão do mais sedozo veludo. Isto, porem, longe de enthusiasmar o pio vigario, contristava-lhe sobre maneira o coração, n'esse instante, tão pequeno, como um bago de feijão manteiga!

Já o mudo entrava-lhe em casa com a benta caldeirinha, acompanhado de mais tres gatos pingados, que tinhão de conduzir-lhe á importadara provincia da Gavião.

Convidados em chusma concorrião ao feretro do respeitavel sacerdote; quatro ou seis pretas velhas competentemente revestidas de suas saias de seda do tempo do Panca entoavão o lacrimoso hymno da ultima despedida.

O vigario aproximou-se do ataude para fazer a costumada encommendação; quando o —pião—da fundeção, avisando aos artistas, que erão chegadas as horas do trabalho, despertou e Rvd. de tão aterradora situação.

Com quanto o padre andasse, fallasse etc. etc. estava ainda persuadido, de que havia passado á outra vida.

Quando o caffé chegou a porta do aposento, elle teve o disrêco de perguntar,

—Querida Anhalia, acaso estarei eu morto?

—Gentes, seu padre, você está doudo?

—O que me dizes queridinha? pois eu não estou morto?

—Você quer tomar gosto.... mas acho melhor ir plantar batatas.

—Sem duvida! responde o padre, mil vezes plantar batatas, do que estar morto á estas horas!.. Olha, dize á Antonia, que me escove bem a batina, porque depois da missa tenho de ir ao Paço e não quero, que por lá ma tachem de desmazelado...

—Olha so!...

—Vai, vai, filha...

⁂

A solicita Anhalia encaminhou-se para o correr no intuito de transmittir o recado rethoricamente emanado dos labios do Rvd. Mira-o-sol. Dizemos rethoricamente, porque o recado foi dado com todos os ll e rr.

⁂

Anhalia e Antonia exercião em casa, funcções bem differentes e que ficarão bem definidas, se dissermos que esta occupava os dous importantes cargos de cozinheira e criada grave e aquella conservava o pomposo titulo de protegida. Ora, o leitor pode avaliar o quanto é bem tratada qualquer protegida de um virtuoso ministro do altar...

⁂

Mira-o-sol não segue a antiquissima rotina religiosa de nada digerir antes da missa e portanto saboreou uma boa chavena de café com leite e duas formidaveis roscas compradas ao padeiro Bristol.

Após essa innocente, sacerdotal, matutina e previdente refeição, a criada Antonia trazlhe a saia, mas oh!.... O Rvd. vestindo-a, deparou com um immenso dia-santo bem debaixo do sovaco e não se podendo suster, largou quatro peteléeos e meio na desmazelada Antonia, dirigindo-lhe imprecações taes, que serião tocantes, se não fossem proferidas por uma voz de taboca rachada...

Anhalia, a bella Anhalia remediou a falta de sua amiga pregando a negra saia com um alfinete, feito o que o padre foi-se...

⁂

Entrou o padre na igreja, ornou-se das vestes religiosas proprias do acto e em falta de sachrista chamou seu Almeida para ajudar-lhe a missa e eil-os no altar.

Mira-o-sol, com a maior religiosidade desgruda os beiços e larga um magnifico:

—*In nomine patris et filiis etc. etc.*
Introibo ad altare Dei.

—Eu passo, responde o Almeida.

Mira-o-sol volta-se a contemplar o bom do acolito e diz entre dentes: este homem está doudo...

—*Gloria patris et filiis* etc. etc.

—Casca! responde o Almeida.

—Ora cebo, diz o padre. *Ad Deum, qui letificat juventutem meam.*

—Não padre... *et cum spiritu tuo.*

—*Qui fecit celum et terram.*

—Et voltarete respeitorum.

—Bruto, respeita o lugar em que estás! *Os tende nobis, domine, mizericordiam tuam.*

—Amen. Manilha, Bastos, Espadilha e cartas reles... *et cum spiritu tuo.*

O Rvd. não acabou a missa ajudada pelo Almeida; engolio parte e a outra parte elle arranjou como poude.

Retirarão-se ambos, tomando, differentes direcções: seu Almeida foi para o lisco e pouco nos importa isso; quanto ao padre, impressionado, como estava por tão extraordinarias occurrencias deixou de ir ao Paço, como era seu desejo e tomou para casa.

Ahi o Rvd. passou ao conhecimento de sua bella protegida, tudo o que havia acontecido; já a brincadeira dos pensadores, que havião pensado afinar-lhe o pescoço; já a patetice do Almeida em confundir um dos rétos mais solemnes da religião com o maldicto voltaréte; não se esquecendo de repetir as imprecações á pobre da Antonia.

—Tudo isso nada vale e não aconteceria, se você não fosse padre, diz-lhe Anhalia. Se acaso meu amiguinho não uzasse essa vestimenta sinistra e stupida, que se chama batina, estaria longe de tel-a agora rôta nas costuras.

—De sovaco, responde o padre...

—Continua a sympathica Anhalia: se em logar de meu caro senhor ter a obrigação de pelas manhãs ir dizer esse tera-linlo latino, acompanhado de *rinhaça* e badaladas de campainhas e mais um aborrecido *spritué, spritué, spritué*, que eu mesmo não sei; fosse para sua loja, tenda ou qualquer outro myster, mais proprio ao homem, estava longe de encontrar um dezalmado, como é esse tal Almeida, que tão scandalosamente profanou o recinto de Deus!

—Lá isso é certo, diz o padre.

—Ainda a Anhalia: finalmente se o Rvd. desse largas ao seu spirito com a leitura desses auctores, que os moços citão quotidianamente, cujos nomes não sei pronunciar, por serem em lingua estrangeira, e não se prestasse ao triste papel de mostrar em publico esse fingido afinco religioso, que se chama hypocrisia, longe, bem longe estava V. Rvm. de passar pelo dissabor de ser atacado pelos pensadores...

—Oh! Anhalia! querida Anhalia! Anhalia de min'alma, eu te juro, que esse teu palavriado chão e delicado seduz-me... sim: que levem o diabo, as Alvarengas, os Mourões e tudo o mais... Eu renego esta vida insipida e depravada.... Sim, Anhalia, e nesse caso, dou-te o meu coração.

—Menos essa, seu padre, torna Anhalia, você não sabe o, que dizem os moços: que mais vale um beijo de preta velha, do que o amor de um padre?

—Louca! pois não sabes o antigo dictado: a mulher não casa com o carrapato porque não sabe qual é macho... e:

Se, Anhalia, receberes
O meu terno coração:
Afianço dar um couce
No Guedelha de Mourão.

9—7—81.

X. Y. Z.

ECHOS DA RUA.

Os rufiões de Santo Antonio dizem no *pasquim* de 2 de julho—«*que agora não têm mãos a medir e que os assignantes são tantos, que até já se veem em aperto!*» E acrescentam ufanos—*eis ahi um facto, que á vista da guerra que nos movem, não tem explicação!*

—Tem toda meus Rvms. Tartufos. O *tio André* está velho e naturalmente não quer luta...

—

O Brazil Catholico, escuma da imprensa fluminense, depois de uma incubação de dous mezes, publica a SEGUNDA ADHESÃO ao nosso *D. Bolonio*, promettendo mais tarde publicar as dos outros bispos brazileiros, que, apesar das suas repetidas insinuações, têm-se conservado em silencio!

—Neste caminhar, havemos de ler a ultima quando se acabar o *dique das Mercez*... e ate lá *D. Bolonio* que espere.

—

O pasquim clerical conta, toda contente, que o bispo do Para esta muito amigo do actual Presidente Dr. Dantas Filho.

—Nada mais natural. E o mesmo acontecerá aqui no dia em que fôr expulso esse miseravel deflorador de orphãs, que já conflagrou a provincia vizinha.

—

Joaquim d'Albuquerque, Raymundo Fonseca, Frei Magriço, ou o moleque de Santo Antonio, respondendo ao LRINHO da PACOTILHA—chama GAROTOS!

—Alto lá seu *canhoto*. Isso é seu, não dê aos outros.

—

A risonha PACOTILHA tem n'estes ultimos dias jogado a bolla com a barriga de *Augusto Pirucaua*.

—Toda a cautella é pouca... se *aquillo* espôca, estamos desgraçados.

—

Uma besta do *Coração*, conversando com uma amiga, dizia, ha dias:—«garanto-lhe, juro-lhe até, se preciso fôr, que o padre *Fonseca* faz milagres!»

—Faz... olá se faz... se elle não fizesse não estaria assim esmirradinho e amarello como *santo* de cêra.

—

O rafeiro *Totó*, presidente effectivo dos *trampolineiros*, gabou-se aos *amigos*—que no ultimo numero nada dissemos á seu respeito, porque havia tomado providencias.

—É mentira do cão. Não fallamos porque elle não ladrou. Quando elle ladra, trazemos logo o açamo.

—

Raymundo Fonseca, o moleque graxto da *Civilisa-o cão*, chrismado em *Joaquim Albuquerque*, procura morder GUERRA JUNQUEIRO, robusto talento portuguez, só porque fallou em copahiba, de que o *padre mestre* não gosta!

—Os *gostos* não são iguaes... meu Rvm. parvo. E antes que o teu dente amarello chegue ás botas de JUNQUEIRO, o ridiculo te matará minha Rvm.ª... alimaria.

—

Os tratantes de Santo Antonio dizem no ultimo *pasquim*—«que depois que insultam as authoridades a sua tiragem subio a mil!» E no entanto, quando querem ser lidos, fazem distribuição gratis, sujeitando os entregadores a soffrerem desfeitas de pessoas, que nem assim querem o infame papelucho

—Se perante o publico mentem assim, o que não será no confissionario ? !

—

Frei Guedelhas e seu bando espalharam ha dias o boato—de que um individuo viera no nosso escriptorio tomar satisfações !

—E possivel que o *cujo* viesse, mas com certeza inda cá não chegou; e se chegar nós lhe daremos um *doce*...

—

Garantiu-nos pessoa de confiança—que *Antonio Candido*, o estrião popular, anda disfarçado dançando no *Bumba meu boi*; e que está tão identificado com a patuscada, que o outro dia, em lugar de dizer *ora pro nobis*, disse *já urrou fanalia* !

—Pobre *Tonico* ! torceram-te a vocação...

—

No dia 3 do corrente, *Frei Tabaco*—o *valentão*, foi agredido no Açougue por dois cães, que quasi o deixam em cerculas !

—Coitado ! Bem diz a *Vivica*, tudo é contra elles, até... os cães !

—

No dia 6 do corrente, o conego *Guedelhas* transitou pela cidade, escoltado por dois capangas, armados de cacete !

—Alem de tudo o covarde, o villão

—

No Seminario dos *infantis* foi espancado um pobre preto, que ha trez annos alli servia, por causa de um pão ! O valentão, cujo procedimento o Reitor censurou, é um tal Frei *Serejo*.

—Este *Ferrabraz* fugiria naturalmente espavorido deante d'um ponta-pé de qualquer branco.

—

Contou nos um morador da rua de Santa Anna—que o muito *honesto* capitão *Bristol*, usado rufião nocturno, convertido pelos tartufos de Santo Antonio, todas as vezes que de proposito lhe passa na porta, enfia o focinho pela rotula, incommodando quem lá está; e que qualquer dia lhe pintará os bigodes com uma tintura de sua invenção.

—Isso de tintura é pomada. Friccione-lhe o lombo com *oleo de tatajuba*, que o beato arriba.

—

No dia 4 do corrente *Antonio Candido* passou a tarde, no seu quintal, jogando *bode* nos *papagaios* que se empinavam do largo da Cadeia !

—Qualquer dia *Tonico* quebra o *can-can* na frente do Batalhão

—

Porque razão não vai, de *meias encarnadas* ao serviço do quartel o conego de contrabando Raimundo Fonseca ?

—Porque prezo, nem p'rá comer dôce...

—

Sera verdade que o *bando do coração* entra livremente no CONVENTO, onde passa até o dia, em quanto que senhoras respeitaveis, parentas das recolhidas, não podem passar da sala ? !

—E' sim; e pela mesma razão porque foi nomeada Superiora interina uma joven formoza, com grave preterição de senhoras idozas que alli passaram a mocidade.

—

Sera crime de correcção policial o uso ILLEGAL de condecorações, diplomas e outras distincções ?

—Se o é, chamamos a atenção da authoridade competente para as meias *sangue de christo* do capitão *Frei Magrico*.

—

Quando foi para a Côrte o brioso cadete Arthur Tavares, disse o pasquim clerical—*o governo imperial começa a tomar serias providencias contra os inimigos da religião*. E agora que o mesmo governo manda processar *Antonio Candido* por causa da *fabrica de conegos*, o que diremos nós ?

—Que os AMIGOS da dita não estão em bons lençóes.

—

Movimento dos templos. Santo Antonio na sexta-feira ultima:

Beatas *inoffensivas*.....	10
Ditas prejudiciaes.....	18
Thesoureira *grande*.....	1
Zeladora *fina*.....	1
Grande chefa das pagôs....	1
Seu *pausinho* decantado...	1
Seu pilãosinho pretinho....	1
Sua bilha *abençoada*.....	1
Jesuitas ordinarios.....	2
Curiosos diversos.....	3

NB —*Seu Pureza* não foi, porque andava atraz do BOI.

Soror Pompadour.

CHRONICA.

Na ultima chronica procurei o mais possivel aproximar-me da mulher maranhense por que ella é de todas as nossas riquezas a que mais temo cahir nas mãos de nossos inimigas.

E é contra essa preza timida e preciosa que o padre estende mais aloutamente a sua tromba molle e oleosa para arrastal-a á grilheta espiritual do confissionario.

Mas felizmente os nossos tempos não são os de outr'ora, e o padre, procurando desviar-me da mulher, só conseguio aproximar-me cada vez mais della.

Antigamente, quando o homem voltava para casa, devorado pelo trabalho do dia, acabrunhado pelo cansaço do presente e opprimido pelo cuidado do futuro, em vez de encontrar uma esposa, que lhe amenisasse com as suas santas caricias todos os espinhos da vida e lhe enchesse o curação de esperança e animo para continuar a grande luta da existencia, dava com uma mulher que não era moralmente sua, porque o padre, o confessor, como mais esperto, a tinha conquistado desde o tempo do collegio.

E esse pobre homem, que passara o dia inteiro a arranjar um pão para os seus, ficava á sua meza—só, triste, em completa separação da mulher que, do lado opposto, esperava na sua mudez secca um pretexto qualquer para contradizer e implicar com o marido.

Mas o que diabo fazia com que essa esposa, que se conhecia os cuidados d'aquelle homem e que recebia delle todos os meios de sua subsistencia, não o amasse como verdadeira amiga, e não o seguisse como verdadeira mulher ?

Não sabeis o que fazia? não sabeis qual era o grande obstaculo que se interpunha á felicidade dos dous—não sabeis que espectro sombrio e terrivel se havia collocado entre marido e mulher para dividil os bem, para apoderar-se della e enfraquecer o outro o mais possivel !

Ah ! esse obstaculo ! esse espectro sombrio—era o padre.

Era elle quem fazia o tedio daquella casa, quem abafava no coração daquella mulher todos os seus thesouros de amor e de ternura, foi elle quem roubou d'aquelles labios talhados para os profundos beijos maternaes, toda a frescura e todo perfume, foi elle emfim quem seccou aquelle coração, quem converteu em pedras as aguas christalinas dessa fonte sublime—donde sempre devism emanar os doces prazeres domesticos e as alegrias restauradoras do lar.

A mulher educada pelas religiosas tinha sempre defronte de si o vulto implacavel do confessor—esse vulto escondia o marido.

Lar, filhos, deveres conjugaes, cuidados domesticos, amigos e parentes, tudo desapparecia nos vapores do incenso, para dar logar aos esplendores da egreja—ás scintillações dos altares, ás magnificencias do culto, cuja phosphorescencia lhe apparecia phantasmagoricamente na imaginação, como um mundo desconhecido, insondavel, difficil como o latim, profundo como o céu, attrahente como o abysmo, poetico como os psalmos de David e triste como as lamentações de Jeremias.

E em quanto o pobre marido, assentado ao canto da meza, olhava tristemente para a mulher e cogitava comsigo qual seria o motivo daquellas indisposições, e procurava meios de distrahir a esposa e chamal-a aos interesses da casa. Ella, inteiramente alheia ao que elle homem, que lhe dedicara a vida, a honra e toda a sua actividade phisica e moral—ella devagava voluptuosamente pelo mundo chimerico do phanatismo, deixando-se levar pela mão do confessor, cheia de um amor idéal, desnorteada, vago e melancolico como as primeiras sombras da noute.

E si o marido lhe perguntasse então:—Que tens tu, minha querida?! Sempre te acho triste, parece que alguma cousa de afflige. Vamos ! conta-me o que te desgosta—falta te qualquer cousa?! Pede!, manda! eu sou teu amigo, o teu protector, o teu pae! Vamos ! dize o que te falta ! Não quero ver esse rostinho magoado ! Si queres qualquer cousa, falla-me com franqueza—tu aqui és a senhora ! Sabes que esforço-me para que nada te falte, mas as vezes ha um capricho, uma phantasia que não podemos advinhar ! Vocês mulheres têm os gostos esperiaes ! Si queres mudar de casa, mesmo de terra, o que não faria por ti?! Então ! falla, meu amor !

A mulher por unica resposta desata a chorar e vae metter-se no quarto, triste, infeliz, miseravel, deixando-se dominar, consumir por uma afflicção esteril, por uma agonia pueril, por uma desgraça chimerica.

E no outro dia, appareceu cheia de tedio, de mau humor, a torcer o nariz a tudo, a bater nos filhos, a implicar com os criados, a repellir os pratos na meza e a chorar pelos cantos

O marido chama o medico.

A mulher revolta-se, protesta, queixa-se da sua sorte.

O medico faz uma careta—diz que aquillo é nervoso, e receita banhos de mar.

Entretanto, pobre marido, queres saber o que falta a tua mulher?!

E' o confessor !

A mulher, deixa dizer-te isto aqui entre nós, muito em segredo, a mulher por mais que viva, por mais que se modifique no phisico e no moral, por mais que se acommode ao meio em que a collocam, por mais que se dedique ao marido e aos filhos, nunca se consegue emancipar totalmente da impressão que assaltou o seu espirito no dia em que ella deixou de ser menina para ser mulher.

Essa primeira impressão persiste para todo o resto de sua existencia—as outras apagam-se

A primeira impressão foi gravada com um ferro em brasa—as outras são simplesmente escriptas.

Para possuir totalmente uma mulher é preciso ocupar-lhe o espirito com a vantagem insubstituivel do primeiro que o occupa.

Diz Michelet que nessa occasião o livro está em branco—escreve-se o que se quer.... escreve-se para *sempre*. Mas tarde, por mais que se escreva por cima, que se escreva atravessado, não se apagará o que lá está e ficará tudo confuso.

E' o mysterio dessa memoria ainda nova, tão fraca para receber, como forte para conservar. Os traços primitivos, os traços que se gravaram no coração da mulher, quando elle se tinha acabado de formar e ainda vinha mallavel e brando, como um pouco de barro que mais tarde tem de endurecer—nunca desapparecem de todo—somem-se aos vinte annos, reapparecem os quarenta e aos sessenta. São os que a velhice ha de conservar até a morte.

Pois bem—a primeira impressão que a tua mulher recebeu foi a do confessor !—foi nas mãos do confessor que ella resignou a virgindade de sua alma e as primicias de seu amor.

Amou-o, sempre donzella é verdade, mas amou-o.

E não podia deixar de fazel-o—o coração da menina abre-se fatalmente em uma certa edade para receber, como a flor recebe o polen, a primeira impressão que vae fecundal-o para o resto de sua vida.

Em seguida torna a fechar-se para sempre.

A pobre creaturinha, cuna tepida e timida dos braços maternos e surprehendeu-se aos pés de um homem forte e dominador que immediatamente apoderou-se della, e derramou-lhe dentro da alma, ainda branda, todas as suas idéas e toda a sua philosophia, que ahi se cravaram como espetos de ferro

Pois bem, pobre marido, que mais tarde ligaste teu nome a essa mulher, por mais que faças, por mais que teimes, nunca conseguirás que ella seja totalmente tua.

O espectro do confessor estará entre tu e ella

Os espetos de ferro continuam cravados no coração de tua mulher e ella os levará a sepultura.

—

Mas felizmente a mulher maranhense é na sua maior parte uma antithese da mulher que acabei de esboçar com a minha penna vulgar e sem merito.

A mulher maranhense já conhece os seus deveres e repelle o padre—não como um homem perigoso, coitado ! porem como um objecto de luxo que já cahio de moda.

Hoje a mulher maranhense dedica se de corpo e alma a seu marido e comprehende que toda aquella, que se não identifica com as convicções do homem a que pertence—será uma mancebia, porem uma senhora casada—nunca !

O casamento não está só no corpo, esta e muito principalmente na alma.

A mulher antes de casar-se phisicamente com o homem que escolheu, deve em espirito ja ter celebrado com elle o grande consorcio da intelligencia.

Por tanto, moços solteiros, que escolheis esposa e desejáes accentuar vossas vidas e vossos trabalhos—muito cuidado !

Muito cuidado ! na escolha que fizerdes

Antes de procurar saber si a mulher que vos tem de acompanhar o resto da vida, que tem de ser solidaria de vossa honra e de vossa fortuna, tem bôm dote, boa côr e um par de olhos provocadores, tratae de sondar-lhe com todo cuidado a alma, procurae ver bem si ella tem a mesma côr que a vossa, si elle está immaculada e virgem ou si traz o espeto diabolico do phanatismo, escondido debaixo das palavras de amor e dos juramentos de fidelidade.

Maranhão.—Typ. de Frias & Filho Imp. por Antonio J. de Barros Lima

O PENSADOR.

(BOLETIM.)

Maranhão, 31 de Maio de 1881.

AO POVO.

Um homem acaba de subir a uma tribuna. Foi convidado a ir orar sobre um dos mysterios augustos do Christianismo. Commemora a jornada do calvario. E' um ministro de Christo que vae fallar.

Pois bem, esse homem falla. Sobe a tribuna para fazer um discurso de paz, e dos labios escapa-lhe uma torrente de injurias contra uma população. Vasa perante a multidão todo o fel que lhe ia n'alma. O logar em que se achava vedava que todo e qualquer individuo lhe podesse atirar a face a represalia. Tinha a audacia covarde de quem sabe que não póde ser atacado. Contava com a impunidade. Não se lembrava que não ha crime que escape a acção moralisadora da imprensa. O castigo que não podia ter na tribuna sagrada ia-o ter no jornal, a tribuna mais sagrada ainda porque é a tribuna do povo.

Esse homem que subio a um palpito para injuriar a um povo que lhe pagava 30$000 para o ouvir fallar, esse homem que inspirado da sua missão de pastor evangelico, só devia sentir a alma presa das sensações do grande acontecimento que ia narrar, esse homem emfim foi o padre Baptista, esse audaz campeão que sabe insultar quando se lhe não pode responder.

Revoltou instrucções para enlamear o povo no meio do qual se ergue, e a lama em torrentes despenha-se sobre o povo culpado apenas de um crime—o de ter a paciencia de ouvil-o.

∴

A imprensa, fiel a sua missão não podia certamente deixar de condemnar o acto desrespeitoso praticado por um sacerdote n'uma cerimonia solemne. A affronta com quanto baixa devia ser repellida. Precisa-se era uma correcção para aquelle que transformava a tribuna em escondidura das fezes clericaes. *O Pensador* em seu numero 19 occupou-se do facto que por ser recente não podia ser tratado com calma.

Um dos nossos prestimosos collaboradores tomou a si a tarefa de punir o insensato que se atrevia a insultar uma população inteira. Não o fez com o odio mas com a indignação de que se sente possuido quem assiste a um acontecimento desconsiderado. Não injuriou o padre Baptista. Sua Rem. não era digno da injuria. Tratou delle como se trata de quem nos inspira compaixão. Não teve iras contra o padre: teve dó do homem.

A attitude do *Pensador* não agradou a Rvd. Baptista. Sua Rem. que injuriara o Maranhão, porque injuriara-lhe a população, julgou-se com direito de se julgar injuriado. Quiz ver no artigo do *Pensador* uma affronta quando só existia um conselho. Foi mais susceptivel do que a população que offendera. Poz n'uma balança d'um lado o Maranhão, do outro a sua individualidade. E perante a sua consciencia a vaidade que contitula a sua Rem. desceu... Um padre pesa mais do que um povo.

E o *Pensador* foi chamado a responsabilidade. Elle cujos redactores tem sido alcunhados pelo bello clerical de perversos, de homens sem importancia moral, ao quanto qualificativo injurioso pode existir, elle o *Pensador* teve que se preparar para comparecer nos tribunaes.

E o *Pensador* vae comparecer. Vae sustentar a responsabilidade do que disse, mas não daquillo que falsamente pretende ser uma injuria. Vae, não como o covarde sacerdote covarde que insultando acintosamente um illustrado lacharel, fugio symicamente para evitar as penas legaes. Vae, mas não com testa de ferro, e sim com a personalidade digna daquelle que julgam haver affrontado o padre Baptista.

A causa do *Pensador* é hoje a da população que foi offendida nessa pratica extravagante de um energumeno clerical. Nós que levantamos um insulto que nos vieva morrer aos pés temos o direito de contar com o auxilio da população offendida em seus brios. Não queremos por forma alguma obstar a acção dos tribunaes. Respeitamos a lei. O que queremos é justiça. A justiça deve evidenciar onde está o crime:—se no articulista que se dirige a um padre que insultou um povo, se a um padre metamorphoseado do alto da tribuna em insultador publico.

O Maranhão não pode assistir indifferente a um acontecimento destes. Não pode nem deve consentir que se saveiam os sycophantas mentirosamente de lei para calcar aos pés a mesma lei.

O Maranhão é vasto de mais para se transformar n'uma infame prea religiosa. Seu povo é bastante sensato para repellir a tyrania sacerdotal que lhe querem impor.

Que um bispo falto de illustração escandalise uma população, que um doutor irrisorio publique jornaes e cartas asquerosas, vá. Mas que um instrumento, que um padre cuja posição não está definida, cujas opiniões não são livres, forçado como é a aceitar as de seus superiores, tenha não da injuria como meio de prédica sagrada eis o que se não pode tolerar.

É necessario um castigo para o audaz, uma punição para o criminoso que vem implorar a protecção da lei sobre a represalia do crime que praticou.

A Redacção do *Pensador* livre como é, conscia de seus direitos, apoiando-se no solido principio da liberdade que homem algum quer, ou sufocar, conta com o apoio popular para sua santa causa. Não se diga no futuro que um padre fez aqui callar a voz da justiça.

Provincia de luz—OH MARANHÃO, não deixes que teus filhos te façam corar de vergonha. Armai-se contra os audazes que te querem prender. Sê grande ante estes pedres pequenos.

Maranhão.—Impresso na Typ. do Frias.